

Ballet do 1º galo -

O marinheiro, estando na escuridão, passou a mão no furto:

- Ai que estou é furtando a estrela papacéia!

Num vasto gesto coreográfico retirou a dextra, rodou na ponta dos pés, satisfeitíssimo:

- Coisa muito melhor: toco a crista de um galo. Que canja!

O diretor da cena começou imediatamente a corrigir as tendências literárias do bailarino, amputando algumas dansas de encomenda para ressaltar a cerimônia e o suntuoso adágio do início. Pouca literatura nestas coisas de ballet, ouviu, mano! Do contrário largo esta joça! Passado o incidente, o marinheiro muito valorizado com sua cabeleira de ébano e grandes olhos mortos, executando piruetas difíceis leva o galo para bordo. Surge mestre cuca com seu séquito de cozinheiras em passo de mazurka, à frente Solis Pinzon, grande descobridor, equilibra sobre a cabeça uma panela de metais semi-preciosos para ferver o galo. Intervem o capitão: o galo é para todos os efeitos mascote, pertence deste momento em diante à família de bordo: comê-lo é praticar verdadeiro incesto.

A viagem começa em 1500 e pico e é transmitida em ondas curtas à platéia pelo Journal de la Societé des Americanistes de Paris. Transmite-se imediatamente a promoção do bailarino a piloto-mor por causa da descoberta do galo, mas este sem habilitações coreográficas é despedido da companhia por não conter nenhuma vontade heróica, nenhuma idéia plástica, tudo existindo nele para interesses puramente publicitários.

Entretanto, a nau prossegue já liberta do tempo e do espaço, mesmo da jesuítica era de 1500 e tantos, com Tomé de Souza medroso de comer cabeça de peixe. Os marinheiros justamente querem é comer

cabeça de xaréu, de carapeba, de curimans, por causa dos princípios nutritivos que os cabo-verdes sábios, os cabindas sábios dizem existir no gênio de Machado de Assis. O alto falante está agora dizendo que o bergantim do galo foi torpedeado pelos árias à altura de Fernando Noronha. O resto da tripulação: dois caboverdeanos, dois portugueses e um índio de torna-viagem se salvaram em cima de um pneumático. O resto da população não morreu propriamente de nazismo, mas de escorbuto. Sabe-se que o galo silenciosamente se salvou, e segue viagem com os heróicos naufragos. No correr da viagem até a altura das barreiras de Jequiá não passou nenhum avião que localizasse as pobres vítimas. Por cúmulo do caiporismo desceu sobre o barco uma calmaria de morte. Há nos olhares da tripulação um desejo recôndito de comer o galo. Aí vem a sua defesa. (Muito cuidado a fim do bailado mais a expressão social dos principais proletários ao descrever os rápidos tours-doubles não ficarem demasiado russificados). No segundo dia de fome completa, a ave, compreendendo a sua situação insustentável, acomoda-se às circunstâncias e põe o primeiro ovo. Depois mais outro, e outro, enfim dezenas.

Nenhuma censura moral. O fato econômico predomina. Até mesmo: o galo se sublima em constelação e guia o barco em veloz estirada corrida até as terras do Pau-Brasil. O rei Cunhanbebe nunca vira animal tão belo. Só mandando-o de presente a outro guerreiro, a outro rei. Agora só se fala língua-geral. A platéia mune-se imediatamente de pequenos dicionários e decreta-se nas repúblicas vizinhas o seu ensino obrigatório.

Aviso: não se admitem línguas travadas. O verbo transitivo pede dois pronomes, a primeira pessoa do plural apresenta às vezes uma flexão

inclusiva e outra exclusiva. A abundância e flexibilidade dos supinos recomeça o ballet em notáveis fouettés. Cunhanbebe alça o galo executando uma cabriola heróica. Entram em cena vários índios de Alencar em pas-de-deux. Agora afluem os andarilhos da grande nação. Primeiro os de beira-mar, depois os do centro até o baixo S. Francisco, até os chapadões da bacia do Amazonas, até o alto Purús, até o Orenoco, à Guyana, à nação do Nahuatlato.

Vamos pois acabar com êstes diálogos de grandezas, e adiantamos a viagem do galo pelos caminhos do Brasil, feita pelos geógrafos carijós, caraibas, maipures, panos, nambiquaras e muitos outros grandes bailarinos mais rápidos que o telégrafo. Ao começar o terceiro ato, o alto falante avisa que o galo partiu do Recôncavo, pousado no cocoruto de valente pioneiro tupinambá.

E' para admirar-se os elegantes plié^es que o andarilho adota até a grande redução de Santo Antonio de Jacobina. Muitas confrarias aderem ao ballet, empunhando estandartes, ostentando opas, agitando turbulos servidos de sementes de cumarú. Daí vão até o Piaguí, freguesia de Nossa Senhora da Vitória, cento e setenta léguas corridas, e pela parte do norte até o Ceará-mirim, oitenta léguas, e daí até o Ceará grande, trezentas léguas. Os currais desta parte hão de passar de oitocentas léguas, e felizmente os índios levam o galo sempre no cocoruto atravessando rios, lagoas, restingas, fundões, peraus insondáveis e boqueirões, numa chispada dôida. Nas pedreiras de Cunaní avistaram emas; o galo era mais formoso. Prosseguiram no arranco acochando de mais a mais o passo ginástico. Rente ao pico de Arassundava enxergaram araras, jandais, tucanos, patativas; nada disso; o galo era mais formoso. Às vêzes paravam um tico de tempo incontável para o galo repousar uma mador-

na, tendo cuidado com as inúmeras cunhãs que desejavam se casar com a divina ave. Muitos instantes o galo passou rente à boca das onças pardas, em cima dos berros da bicharia. Tupã os protegia como autócrata do ballet, espantando os mosquitos, as piranhas, as lagartas de fogo, e os jacareunas dos igarapés. Afinal abicaram à boquinha da noite na casa de Macobêba, setecentas e cinquenta léguas ao oeste da Serra do Bananal. Macobêba tinha vindo num pé só, de ali perto, da Guiana Francesa. Estava branco de fome, sendo logo de seu desejo ceiar o galo em forma de cabidela ou mesmo assado. O andarilho mundurucú (a ave já tinha passado de mão em mão por mais de quinhentas e oito tribus) passou o galo a seu vizinho tapanhuma que atravessou a Serra Tarumá pela estrada que da ponte do Sararé vai ao Quilombo do Piolho. Aí, fora das garras de Macobêba, pararam num córrego sem água. Na zona dos cabixis, veio saudar o recente andarilho, o cacique Burití vestido de alferes. Num átimo desejou o galo. Seu portador adivinhando-lhe as intenções mais que depressa atravessou o rio Aripuanã, depois o Giparanã, foram dar ao Sul, no Guaporé. Daí subiram ^{na} sombra de um avião até a grande fronteira dos parintintins. Adeus rio Madeira, adeus Jamarí, adeus Guajará-mirim, vamos danados pra Colômbia, adeus Panamá, adeus Costa Rica, adeus Nicarágua, Honduras, S. Salvador Guatemala, Adeus México!

Toca pras Cordilheiras, que os caudilhos também querem comer o galo.

Fazia três meses que o primeiro galo saíra do Recôncavo: fora parar no Perú, na côrte do último rei inca. Ahí el rey recibió al ave con su casa imperial y su orquesta de trompeteros, pífanos, atambores y tlapitzallis. Cuando vió el gallo se puso a bailar una danza ritual

poseido de santo furor, pues inmediatamente en su soberbia de guerrero se halló semejante a aquella ave. Y esta danza imitativa era como un batir de alas y gestos de cavar la tierra con los espólonos. Después gritó para su gente, maravillada con aquel ballet improvisado:

- "Quiero ser gallo! Quiero ser gallo!"

Y pasó, efectivamente, a llamar-se Atahualpa, que en lengua quichua quiere decir gallo.